

FRAGMENTOS ICONOGRÁFICOS: REFLEXÕES DA HISTÓRIA DE CASCAVEL – PR*

*Silvia Maria Soares do Prado¹
Isabella Cerqueira Fontana²*

INTRODUÇÃO

O tema proposto tem por objetivo mostrar as evidências fotográficas da exposição de longa duração do Museu Histórico Celso Formighieri Sperança, por intermédio de fragmentos e testemunhos iconográficos da história local. Que servem de suporte de informações para pesquisadores e visitantes, pois, os espaços museológicos são fontes de pesquisas e perpetuação da identidade e da memória de um povo.

É a partir deste prisma que se valoriza o testemunho, a memória e as imagens que fundamentam a imensurável tradução e interpretação que auxiliam no desenvolvimento de pesquisas da área iconográfica. Tornando capaz de compreender algumas lacunas e inquietações acerca das imagens históricas que estão em exposição.

Diante disso, as imagens abordadas foram agregadas à história junto aos sentimentos dos pioneiros, em trazer suas lembranças para a composição das legendas dos cenários do museu sob o olhar do testemunho, da identidade e da memória desses personagens.

As imagens que fazem parte do acervo digital do Museu da Imagem e do Som – Xico Tebaldi, são compartilhadas no espaço expositivo do Museu Histórico Celso Formighieri Sperança, localizado no Centro Cultural Gilberto Mayer (Rua Duque de Caxias 379, Centro, Cascavel, PR).

A cidade de Cascavel teve sua emancipação política em 14 de novembro de 1951, conforme a Lei Estadual nº 790, sancionada pelo Governador do Paraná, Bento Munhoz da Rocha Neto, sendo assim, desmembrando-se de Foz do Iguaçu.

O Município de Cascavel, através da Secretaria de Cultura tem por objetivo preservar as fontes históricas, que são valorizadas e evidenciadas por meio do Museu Histórico Celso Formighieri Sperança, como espaço de guarda de material arqueológico e histórico. São 45 anos exercendo o papel primordial de reflexão e pensamento crítico desde sua criação, sancionada pela Lei 1204/1976.

*DOI – 10.29388/978-65-81417-76-5-0-f.11-21

¹ Mestre em letras, Historiadora e acadêmica de Museologia – UNIASSELVI. E-mail: silviaprado14@gmail.com
² Especialista em Pedagogia, Arquiteta e Urbanista, acadêmica de Museologia – UNIASSELVI. E-mail: icfontana@outlook.com

Portanto, os referidos museus trabalham com o objetivo de difundir a história e a preservação dos fatos e acontecimentos com o auxílio das fotografias e depoimentos de pioneiros da cidade, na qual agregam valores ao acervo. Sendo utilizados como fontes de pesquisas de cunho científico e familiar.

As fotografias são suportes de preservação da memória coletiva e individual. Transmitem o sentimento das cenas do cotidiano e do desenvolvimento da cidade, trazendo inquietações através das imagens históricas nos espaços expositivos, que estimulam a curiosidade e a descoberta sobre a memória e identidade do seu povo.

Ao estudar as fotografias como registro histórico da comunidade é lançado o imaginário e o simbolismo das imagens, buscando valorizar os traços do passado e suas particularidades oficiais, cotidianas e culturais:

A expressão cultural dos povos exteriorizada através de seus costumes, habitação, monumentos, mitos e religiões, fatos sociais e políticos passou a ser gradativamente documentada pela câmera. O registro de paisagens urbanas e rural, a arquitetura das cidades, as obras de implantação das estradas. (KOSSOY, 2014, p. 30).

As fontes imagéticas são fundamentais para a ressignificação das histórias. As conexões com o passado demonstram que o visível por meio das imagens tem valor de investigação, de testemunho e de memória que possibilita compreender um pouco das histórias em conjunto com os relatos orais dos pioneiros que são testemunhas vivas desse passado.

A pesquisa abarca com algumas imagens que retratam cenas cotidianas, casas, festas comunitárias, animais de estimação, arquiteturas, buscando novas reflexões e ressignificações, ou seja, as legendas e a análise dessas iconografias permitem uma excursão no tempo.

DESENVOLVIMENTO

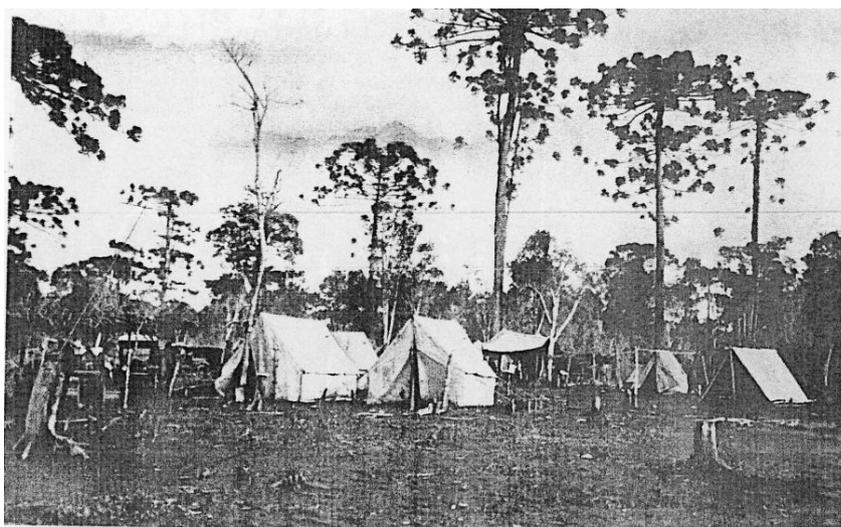
Nessa discussão sobre testemunhar e investigar as pesquisas por meio da memória, das fotografias e das lembranças dos espaços e dos moradores de Cascavel, PR.

Na exposição de longa duração do Museu Histórico Celso Formighieri Sperança, é projetada as mensagens da pesquisa histórica através da iconografia, das narrativas e da oralidade dos pioneiros, que transmitem histórias que não se esgotam nos fatos e provocam novas pesquisas a partir desse tema:

Insisto nos termos narrativa e oralidade. Ambas se desenvolvem no tempo, falam no tempo e do tempo, recuperando na própria voz o fluxo circular que a memória abre do presente para o passado e deste para o presente. Eu diria que a expressão oral da memória de vida tem a ver mais com a música do que com o discurso escrito. (BOSI, 2003, p. 45).

As marcas do tempo são encontradas nas fotografias históricas, carregadas de sentidos e de informações. A imagem reflete o tempo passado, essas, demonstram as vestimentas, os encontros dos colonos, os meios de transportes da época em que as carroças eram o principal instrumento de locomoção dos colonos, dos movimentos sociais, os valores encontrados nas araucárias e das cenas do acampamento militar na década de 1920. A foto a seguir configura a existência da paisagem e dos acampamentos de tropeiros e militares nas primeiras movimentações da futura Cascavel.

Imagem 1 – 1925: Acampamento militar no “pouso Cascavel”³



Fonte: Acervo do Museu da Imagem e do Som, Cascavel – PR.

Conforme ocorre a história de Cascavel, observa diferentes pontos de partida sobre o que de fato marcou o início da cidade. Segundo Piaia (2019): “Na primeira etapa, a da gestação, Cascavel pouco mais era do que uma referência espacial aos viajantes, tropeiros, militares e obrageiros” o que existia era um vilarejo onde pernoitavam. A fotografia em destaque mostra que esse local realmente era o ponto de encontro de novos moradores e trabalhadores, atualmente conhecido por Cascavel velho, um bairro da cidade.

Já em segundo momento, sobre a formação da cidade, o autor discorre:

³ Originalmente o nome da cidade remonta ao período da construção da estrada colônia Mallet a Foz do Iguaçu. Uma das lendas conta que tropeiros ao pernoitar as margens de um riacho, ouviram o som de um guizo de cobra. O local passou a ser chamado de “Pouso Cascavel”, atualmente no Bairro Cascavel Velho.

A segunda Cascavel emergiu a partir de 1925 e se consolidou em trono de 1930, graças á debandada provocada pelos revolucionários, somada à vinda mais intensa de famílias guarapuavanas, novas levas de poloneses e caboclos em geral, que se juntava à comunidade já existente. (PIAIA, 2019, p. 97).

Segundo os estudos, esse local era próximo a BR 277, e os viajantes encontravam refúgio para acampamento, tendo água do Rio Cascavel para beber. Na imagem é possível notar a imensidão de araucária que atraiu inúmeras famílias para o Oeste do Paraná, iniciando o ciclo econômico da madeira.

A vinda dos migrantes para a região Oeste permitiu a expansão territorial, surgindo comunidades rurais, como a fotografia a seguir que ilustra famílias no distrito de São Salvador.

Imagem 2 - Década de 1950: Festa típica no interior do Distrito de São Salvador, próximo à cidade de Cascavel, famílias pioneiras.



Fonte: Acervo do Museu da Imagem e do Som, Cascavel – PR.

As festas dos moradores eram regadas de comidas típicas e muita conversa, as comunidades encontravam-se para festejar datas comemorativas ligadas à igreja. Essa fotografia demonstra uma festa no interior do município de Cascavel.

Observa os colonos e seus meios de transportes, com animais e carroças. Além disso, os trajes típicos da época mostram nas indumentárias a presença dos migrantes do sul do país, os gaúchos.

Ao contextualizar as fotografias, pode ser encontrado possibilidade imaginar *flashes* de recordações, que permitem a visualização dos símbolos religiosos, cenas cotidianas oficiais ou familiares.

A iconografia fotográfica precisa ter três elementos essenciais para a sua realização: o fotógrafo, a forma de arquivo dessas lembranças e as memórias no decorrer do tempo. Corroborando dessa perspectiva, Kossoy (2014) afirma:

As fontes iconográficas originais em especial as fotográficas que nos interessam diretamente referem-se às fotografias de época as quais se encontram em coleções públicas e privadas, muitas vezes em antiquários e sebos e em mãos de descendentes dos fotógrafos, a pesquisa desses artefatos originais do passado é obrigatória pelo amplo espectro de informações que os mesmos podem oferecer. (KOSSOY, 2014, p. 76).

A fotografia a seguir demonstra a Capela Nossa Senhora Aparecida, localizada próxima a Praça do Migrante, inaugurada em 1977, onde atualmente encontra-se a Igreja Santo Antônio. O interessante é perceber que os moradores de Cascavel daquela época, ou seja, da década de 1950, nos primórdios da cidade, eram famílias religiosas e que buscavam por meio de suas crenças a paz interior e assim construíram os templos para as festividades religiosas para viver em comunidade.

Imagem 3 – 1935: Capela Nossa Senhora Aparecida, primeiro templo religioso de Cascavel. Localizava-se onde hoje se encontra a Igreja Santo Antônio (Região do Patrimônio Velho)



Fonte: Acervo do Museu da Imagem e do Som, Cascavel – PR.

Na próxima fotografia, disponível na exposição de longa duração do museu, é emblemática, pois a caça na época era permitida, mas o que se observa é o caçador com um animal de estimação: a anta. Essa foto foi registrada sob o olhar do fotógrafo, com o caçador e a informação curiosa sobre o animal de estimação foi relatada por diversos pioneiros.

Os pioneiros narram sobre a anta ser um animal dócil, pois era comum que as famílias adotassem animais silvestres para serem domesticados. O Senhor João Batista em seu depoimento no projeto Memória Viva (2020) contou sobre caça e a pesca ser uma questão de subsistência familiar, essas proteínas chamadas de “mistura” nas refeições.

Imagem 4 – 1950: Cena atípica do caçador com o animal de estimação⁴



Fonte: Acervo do Museu da Imagem e do Som, Cascavel – PR.

Conforme são feitas as análises e estudos sobre a iconografia de Cascavel as histórias ficam paralelas entre as falas e referências:

A expressão cultural dos povos exteriorizada através de seus costumes, habitação, monumentos, mitos e religiões, fatos sociais e políticos passou a ser gradativamente documentada pela câmera. O registro das paisagens urbana e rural, a arquitetura das cidades [...] (KOSSOY, 2014, p. 30).

Segundo o autor, é possível observar a expressão cultural na imagem e nesse contexto a história também é contada por meio de depoimentos dos pioneiros. A memória intriga e permite viajar em álbuns de fotos, dos próprios familiares como das exposições, com a possibilidade de compreender o tempo passado e conhecer o local que vive essas sendo as utilidades e funções dos museus: os museus apresentam as mais diversas utilidades e funções: “[...] estimulam a fruição estética, oferecem conhecimento poético e intelectual, brincam com a memória e desnudam a História, criando roteiros mentais na geografia física e afetiva de cada visitante, individualmente ou em grupo.” (MAGANHOTO, 2006, p. 07).

⁴ Cotidiano: a caça era uma prática comum. Morador com espingarda, adolescente, uma anta e cachorros domésticos. A imagem reflete de modo atípico, pois a anta, nesse caso, era animal de estimação.

A próxima fotografia do acervo da família de João Batista traz uma imagem com a família reunida em frente à propriedade.

Imagem 5 – 1950: Cena típica da época, família de colonos⁵



Fonte: Acervo do Museu da Imagem e do Som, Cascavel – PR.

Ao compreender e refletir sobre imaginário, demonstra que as memórias são visíveis e invisíveis, são transfiguradas pelas expressões dos personagens, projetando as mensagens e da contemplação por meio da expressão facial:

[...] a fotografia é uma imagem híbrida, pois construída em parte por um aparelho técnico, que captaria um real puro, e em parte por uma mensagem com conteúdo histórico, social e representação e expressão de um olhar sobre o mundo. (BARTHES, 1998, p. 11).

No campo visual, deduz que o nosso olhar deslumbra o imaginário, as memórias e as lembranças do passado. As estradas e os meios de transportes a cavalo, como visualizamos na fotografia a seguir, demonstram a cena embrionária da cidade de Cascavel – PR, sendo possível fantasiar as histórias contadas pelos pioneiros através dos registros encontrados no Museu da Imagem e do Som – Xico Tebaldi.

⁵Família de João Batista em frente à residência com charrete e cavalo.

Essa fotografia remete ao local ainda sem estrutura asfáltica, pois eram apenas estradas. Conforme lembrança contada por pioneiros é possível imaginar um lugar que leva esperança, o cavaleiro solitário cavalga em meio à pista que o leva para um local tranquilo.

Imagem 6 – 1960: Cena bucólica, estradas rurais e meios de transportes. Cotidiano em Cascavel, não identificado o local



Fonte: Acervo do Museu da Imagem e do Som, Cascavel – PR.

Conforme são buscadas nas leituras e dados bibliográficos do autor, os povos vieram para Cascavel em busca de novas oportunidades:

A primeira leva de colonos sulistas que se distribuiu pelo interior do atual município de Cascavel chegou no final da segunda década do século, ampliando -se em 1920 e nos anos imediatamente subsequentes. Foram os poloneses juntamente com os caboclos guarapuavanos, os oestinos-cascavelenses pioneiros, responsáveis pelo estabelecimento das primeiras propriedades agrícolas, pecuárias industriais e prestadoras de serviços. (SPERANÇA, 1992, p. 99).

Ao trabalhar com fotografias, com oralidades e com os registros históricos, Bosi (2003) indica que é possível alicerçar as interpretações das imagens, de modo que a memória histórica está presente no seio familiar, sendo um suporte teórico.

Assim como o texto, o depoimento completa a história e a fotografia documental contextualiza a imagem do passado, trazendo informações e o desenvolvimento histórico da cidade.

Imagem 7 - 1950: Casebre de família da área rural de Cascavel – PR⁶



Fonte: Acervo do Museu da Imagem e do Som, Cascavel – PR.

Esta análise abarcou as fotografias históricas, que estão em exposição no Museu Histórico Celso Formighieri Sperança e salvaguardadas no Museu da Imagem e do Som – XicoTebaldi. A valorização da cultura histórica, por meio das imagens, representa períodos e fatos que emanam passagens reais e marcas do tempo de colonização, pelo desenvolvimento, permitindo reflexões, questionamentos, indagações e estudos sobre a questão da imagem como artefato histórico fotográfico.

Para Kossoy (2014), as imagens como objeto de investigação trazem a primazia e o respeito que deve ser analisada pelo meio, as expressões e os valores entre a ciência e a arte. Como reflexões da iconografia fotográfica e demais gêneros da história e as áreas da ciência, os pesquisadores têm se utilizado da fotografia como fonte plástica, como instrumento de apoio a pesquisa, como ressalta Rouillé:

⁶ Família em frente à casa. Destaque para os pilares da residência, que eram altos, pois a casa, feita de tábua lascada, tinha porão.

Ao contribuir para a história, memória e testemunho o artefato fotográfico e as mensagens das imagens podem compartilhar a pesquisa do escritor: analisar uma imagem fotográfica, portanto, não é descortinar os sentidos, descobrir os significados, encontrar a causa profunda que, decisivamente, produziu-a. (ROUILLÉ, 2009, p. 104).

As fotografias têm a legitimidade de cumprir os requisitos documentais e históricos e, ao mesmo tempo, podem ser tratadas e analisadas as imagens por meio da captura de informações, que são representadas no campo visual e intelectual do observador. Como ressalta Tedesco:

A identidade social da família se fundamenta nas ideias de desempenho e esforço pessoal para o estabelecimento de sua história. Em ambas as situações, o importante é a ideia de transmissão de bens simbólicos às gerações seguintes. (TEDESCO, 2001, p. 103).

A identidade social das imagens, assim como as histórias contadas por seus locutores, é carregada dos símbolos e da herança cultural de uma comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões apresentadas neste artigo visam a preservação da memória local e tendem a evidenciar o potencial dos documentos fotográficos salvaguardados e expostos através de painéis disponíveis no Museu Histórico Celso Formighieri Sperança e no acervo do Museu da Imagem e do Som – Xico Tebaldi.

Tais registros contribuem para desvendar a história oficial, que é pautada em depoimentos orais e fotográficos, elementos que compõem as exposições de longa duração e ilustram a história, trazendo as memórias afetivas dos moradores e as suas representações culturais e sociais no contexto dos museus.

Essas imagens elegem, denunciam, questionam e salvaguardam histórias culturais de infinitas temáticas. Nessa perspectiva, revivem momentos, os quais podemos interpretar, analisar e valorizar a partir desses documentos históricos.

A investigação gera inquietações ao olhar para as representações visuais. Elas transbordam significações, a exemplo dos processos sociais, culturais, econômicos e políticos de nossa cidade, possibilitando lançar luzes aos aspectos históricos do município.

As imagens fotográficas estabelecem parâmetros para concordâncias e estilos de momentos no caráter expressivo das cenas. Sendo assim, as informações são cheias de possibilidades de investigação, que tem a abrangência e a magnitude de salvaguardar o

testemunho de uma sociedade, e esse legado para perpetuar as informações para as próximas gerações.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **A câmera clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

BOSI, E. **Tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

KOSSOY, B. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

MAGANHOTO, C. Prefácio. *In*: DINIZ, W.; MEDRONI, M. **Museus do Paraná** – Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

CASCADEL. MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE CASCADEL, Pr. **Banco de Imagens**, 2022.

PIAIA, V. **Terra, sangue e ambição**: a gênese de Cascavel. 2. Cascavel: ed. : Edunioeste, 2019.

ROUILLÉ, A. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. Trad. Constância Igrejas. São Paulo: Editora Senac, 2009.

SPERANÇA, A. **Cascavel**: a história. Curitiba: Lagarto, 1992.

TEDESCO, J. C. **Memória e Cultura**: o coletivo, o individual, a oralidade e o fragmento de memórias de nonos. Porto Alegre: Editora Est., 2001.